

CAMINHOS PERCORRIDOS POR EPÍGRAFES DE CLARICE LISPECTOR

Data de aceite: 01/03/2024

Ana Caroline de Freitas

RESUMO: A sutil presença de epígrafes permite que se seja estabelecido um profundo elo significativo entre textos quase que em caráter confessional e secreto — a mensagem epigrafada comunica-se apenas com o leitor que percorreu as veredas do texto referenciado e daquele que será apresentado. Nessa vertente, nesta pesquisa, evidenciam-se os textos “Anel de Moebius”, de Julio Cortázar, e Perto do Coração Selvagem (1943), de Clarice Lispector, que possibilitam a construção representativa de sentidos comuns entre ambas as personagens protagonistas que coexistem juntamente da solidão e da melancolia — inerentes e inescapáveis a elas. A epígrafe de Cortázar retoma o texto de Lispector e é capaz de mostrar a suspensão da consciência de sua personagem, Janet, diante dos eventos traumáticos vivenciados por ela. Joana, protagonista de Clarice, encontra-se submersa em uma realidade intangível e ela toca — ou ao menos vislumbra — um ideal de resignação como Janet o fez no instante em que sua inocência e seu

medo foram confrontados e estilhaçados. Assim, é como se a narradora de Clarice mostrasse o limiar entre os mundos interno e externo e o rompimento dessa barreira por meio da viagem — sair de si mesma para, de longe, ver e entender a si mesma — tal qual a protagonista, já estilhaçada, de Cortázar. Estes dois mundos pertencentes a obras distintas são interligados por meio da epígrafe, e a compreensão melhor e mais profunda entre o dito e o não dito é descortinada.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector, epígrafe, Júlio Cortázar, Moebius, personagem.

ABSTRACT: The subtle presence of epigraphs allows a deep significant link to be established between texts almost in a confessional and secret manner — the epigraphed message communicates only with the reader who has followed the paths of the referenced text and the one that will be presented. In this aspect, in this research, the texts “Anel de Moebius”, by Julio Cortázar, and Perto do Coração Selvagem (1943), by Clarice Lispector, stand out, which enable the representative construction of common meanings between both protagonist characters that coexist

together of loneliness and melancholy — inherent and inescapable to them. Cortázar's epigraph takes up Lispector's text and is able to show the suspension of consciousness of her character, Janet, in the face of the traumatic events she experienced. Joana, Clarice's protagonist, finds herself submerged in an intangible reality and she touches – or at least glimpses – an ideal of resignation as Janet did the moment her innocence and fear were confronted and shattered. Thus, it is as if Clarice's narrator showed the threshold between the internal and external worlds and the breaking of this barrier through travel - leaving herself to, from afar, see and understand herself - just like the protagonist, already shattered, by Cortázar. These two worlds belonging to different works are interconnected through the epigraph, and a better and deeper understanding between what is said and what is not said is revealed.

KEYWORDS: Clarice Lispector, epigraph, Júlio Cortázar, Moebius, character

“ANEL DE MOEBIUS”, DE JULIO CORTÁZAR

É evidente que Julio Cortázar é um escritor eternizado devido à sua genialidade e ao fato de ser o grande precursor do Realismo Mágico. Em suas obras, é perceptível o universo mágico permeando as linhas da realidade a qual as personagens tateiam. O livro *Orientação dos gatos* (1980) reúne um conjunto de contos nos quais os narradores de Cortázar — ora homodiegéticos, ora heterodiegéticos — tentam explicar o indecifrável da vida.

Lendo-se “Anel de Moebius”, é notória a presença de um narrador com onisciência seletiva múltipla, cujo interesse em se narrar a história exerce um movimento pendular entre as duas personagens protagonistas, Janet e Robert, com variações de parágrafos que se alternam ora contando as percepções dela, ora as dele. Tal narrador de Cortázar apresenta ao leitor um profundo interesse e consideração pelas necessidades de Janet e Robert a ponto de as atitudes do homem serem, de modo sutil, justificáveis por meio de seu passado revelado infeliz e marginalizado:

Nunca quis lhe fazer mal, nunca havia prejudicado ninguém para possuir o pouco que lhe tinha sido dado nos previsíveis reformatórios, era assim, vinte e cinco anos e assim, tudo num tempo lento como quando tinha de escrever seu nome, Robert letra por letra, depois o sobrenome ainda mais lento, e rápido como o gesto que às vezes lhe valia uma garrafa de leite ou umas calças postas a secar no gramado de um jardim. (CORTÁZAR, 1981, p. 84)

Quando sabido que Janet seria vítima de estupro praticado por Robert, é possível constatar que elementos presentes desde o primeiro parágrafo da narrativa de Cortázar já anunciavam o crime, por exemplo, quando é dito que a jovem, enquanto andava de bicicleta, já estava “recebendo na blusa a mão da brisa apertando-lhe os seios”. Os medos de Janet são confrontados no instante em que escolhe conduzir-se no bosque pelo caminho que a direcionaria ao homem que, marginalizado e sujo, dormira ao relento. É como se a natureza fosse personificada na figura masculina que lhe roubaria a inocência.

Janet freou indecisa na estreita encruzilhada, direita ou esquerda ou quem sabe para a frente, tudo igualmente verde e fresco, oferecido como os dedos de uma grande mão terrosa. [...] Começava a fazer calor, o banco da bicicleta a recebia pesadamente, com uma primeira umidade que mais tarde a obrigaria a descer, a desgrudar a calcinha da pele e a levantar os braços para que o ar fresco passeasse sob a blusa. (CORTÁZAR, 1981, p. 83)

A partir da constatação da morte de Janet, a alternância da perspectiva narrada em cada parágrafo é mantida, todavia, para Robert, o tempo mantém-se cronológico — é contado desde seu julgamento aos dias que antecedem sua execução —, ao passo que, para Janet, pode inferir-se a ideia do que Erich Auerbach elucidou como suspensão do tempo na narrativa. Janet encontra-se em um estado de não pertencimento a lugar algum, tateando um mundo insólito no qual não é possível identificar uma alma que lhe seja afim. É como se Janet se afastasse do plano real-temporal como um elemento sem forma — mas que assume muitas formas — a fim de descrever o processo de violação sexual como traumático. Neste instante, o conceito da Fita de Moebius surge para metaforizar os acontecimentos psicológicos tão confusos e alternantes de Janet em uma narrativa que beira o fantástico — e a loucura.

Quando uma faixa tem suas extremidades interligadas, forma-se a estrutura de um cilindro que paira sem aberturas, apresentando um lado interior e um exterior que jamais irão se encontrar. Todavia, se essa mesma faixa for uma vez torcida em uma meia volta antes de suas pontas serem juntadas, a figura geométrica cilíndrica não mais existe, tornando-se então a Faixa de Moebius, forma esta que aparenta ter dois lados — tal qual o cilindro — mas apresenta apenas uma borda sem início nem fim.

O termo — comum na física e na psicanálise — é utilizado por Júlio Cortázar para intitular o conto “Anel de Moebius”. Não é mais uma faixa, mas sim um anel, que personifica toda a perpetuação de um compromisso — voluntário por Robert e doloroso para Janet — firmado por duas almas.

A alternância entre os narradores dá-se pelos parágrafos que ora são narrados sob o ponto de vista da vítima e ora sobre o do algoz. Assim, duas pontas se emendam sem que haja uma simetria possível entre elas e sem que seja possível que uma forma harmônica seja concretizada. Há a formação de um Anel de Moebius no instante em que a bicicleta é parada e a vida de Janete é interrompida pela presença de Roberto. De modo não harmônico, o anel — e a união — de ambos é consumada.

Observando-se o conto “Anel de Moebius”, nota-se que há uma epígrafe alógrafa — presente em *Perto do coração selvagem* (1943), de Clarice Lispector — cuja função é predominantemente de comentário, ou seja, de modo enigmático, Julio Cortázar inseriu o trecho epigrafado para anunciar os conteúdos que seriam abordados de modo implícito e explícito no conto em análise.

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM, DE CLARICE LISPECTOR.

Em *Perto do coração selvagem*, Clarice Lispector apresenta o leitor a uma narradora que cresce e evolui — até mesmo na escolha do vocabulário e das figuras de linguagem utilizadas — ao passo que sua protagonista também o faz. Joana, quando criança, perdeu a mãe e desfrutou da companhia do pai por pouco tempo, pois este também veio a falecer. A situação de não pertencimento a lugar algum rondava a menina desde muito cedo e a acompanhou. Após tornar-se órfã, foi necessário viver com uma tia e, depois, ir para um internato.

Não pertencer a ninguém e nem sequer ter um lugar para onde voltar fez com que Joana adotasse um caráter de estrangeira diante da própria existência. As experimentações — como o evento do roubo, ainda menina, de um livro — fazia tentar a percepção de ver no mundo um abrigo. De forma análoga à obra de Clarice, a Janet de Cortázar também manifestava em si a condição de se ser solitária e também a de ser (literal e metaforicamente) uma estrangeira.

No último capítulo do romance, quando Joana decide fazer a viagem, é onde está presente o trecho que deu origem ao conto de Julio Cortázar. Aqui, é como se cessasse a submersão de Joana em uma realidade intangível e ela tocasse — ou ao menos vislumbrasse — um ideal de resignação como Janet o fez no instante em que sua inocência e seu medo foram confrontados e estilhaçados. Com essas palavras, é como se a narradora de Clarice mostrasse o limiar entre os mundos interno e externo e o rompimento dessa barreira por meio da viagem — sair de si mesma para, de longe, ver e entender a si mesma. Estes dois mundos são apresentados por meio de um par de antíteses, em que “Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável” seria o interno, o solitário, e “Cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como as da madrugada” o externo, de encarar-se a si mesma.

JAMES JOYCE E CLARICE.

O romance de Clarice Lispector, por sua vez, apresenta uma epígrafe que pode ser compreendida tanto como justificativa de título quanto como breve anúncio do conteúdo abordado na obra, visto que o trecho “Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida.”, presente no livro *Retrato de um artista quando jovem* (1916), de James Joyce, permite ambas as considerações.

Stephen Dedalus, protagonista de Joyce, é um jovem acometido perante a dualidade entre seguir os valores morais e cristãos ensinados pela família e sociedade da época ou render-se às manifestações artísticas e ao culto àquilo por que sentia afeições. A frase epigrafada representa o instante em que Stephen rompe com suas dúvidas e, na praia, tem um momento de epifania diante da contemplação da beleza de um corpo feminino, optando, assim, por seguir o caminho da produção artística e literária.

Partindo disso, é notório que a análise das epígrafes possibilita o descortinar de ideias e de possibilidades de leitura e releituras de obras com um olhar novo e até mesmo secreto, como se fosse uma confissão do autor somente para o leitor perspicaz que conhece – ou busca conhecer – a obra da qual a epígrafe foi retirada. Assim, conclui-se que a análise literária se dá por meio do caminhar por entre as veredas das diversas obras e equilibrar-se na percepção do dito e o não dito.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Trad. de Oscar Mendes. Porto Alegre: Abril, 1971

CORTÁZAR, Julio. **Orientação dos gatos**. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FRANCO JR., Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) Teoria da Literatura, abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá, Ed. da UEM, 2003, pp.33-56.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Tradução de Caetano W. Galindo; prefácio de Karl Ove Knausgard. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992.